

# DA CRIAÇÃO À GLOBALIZAÇÃO: MICHELANGELO E O PROCESSO DE RE-CRIAÇÃO

Léa Sílvia Braga de Castro Sá

## ABSTRACT

Seeking a foundation in the Reception Aesthetics and Semiotics, let us go through the plot of units of signs of verbal and nonverbal Creation. In a return to Genesis and Michelangelo (The Creation - Sistine Chapel), we seek the key to reread what has been done, following the intervention process and interventions (whether in Art or in the Media).

The reader, participant in the construction of meaning construction, with its reading establishes the intertextuality and updates the text, searching for points of isotopy. This resumption restrengthens the creative process, recovering the past in the present, updating, this constant recreate, Complex relationship between text and reader. As the image passes through the texts and times, especially nowadays with the media forms, words and images interact and make possible, more efficiently, the revitalization and socialization of knowledge, once restricted to a minority.

O objeto desta Tese foi o leitor e a gestualidade como criadores de significação, tendo como referencial verbal a Criação, a partir de Gênesis e, como referencial não-verbal, A Criação do Mundo e do Homem, de Michelangelo. O enfoque central - a Criação - é analisado, focalizando também o seu processo de atualização, no seguinte corpus: as esculturas de Rodin; o livro de literatura infanto-juvenil O Criador, de Semíramis Paterno; Os Quadrões, de Maurício de Sousa; o Selo da Itália - ano 2000; uma propaganda da Petrobrás, publicada na Revista Bravo!; a vinheta da novela "O Clone", apresentada pela Rede Globo de Televisão (2002); a propaganda italiana *Arte e sport insieme el italiano a giocare ai Lotto*.

Para atingir este objetivo, baseamo-nos na Estética da Recepção de Iser e Jauss, que coloca o leitor como co-autor da obra; pois, como o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito (ou texto co-enunciadores), a obra somente se materializa na recepção. Assim sendo, o leitor é um caçador de sentidos e, como caçador de sentidos, busca significação em tudo que o rodeia, porque "constrói suas próprias trilhas no texto-bosque", como disse Umberto Eco, podendo ser comparado a um viajante, como muito bem observou Michel De Certeau:

... os leitores são viajantes; eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. (apud CAVALLO e CHARTIER, 1998, p.5)

Se buscarmos a etimologia da palavra ler, do latim *legere*, encontraremos vários significados:

- contar, enumerar as letras (o primeiro estágio - a alfabetização); colher (colher o sentido - interpretar);
- roubar (acrescentar ao texto outros sentidos).

O grego, também, para exprimir a idéia de ler, possui mais de uma dezena de verbos, com nuances de significados diferentes:

- verbos como *nemein* e seus compostos (*ananemein*, *epinemein*) significam ler no

sentido de “distribuir” o conteúdo da escrita, implicando por isso mesmo uma leitura oral, “ler em voz alta”;

- *anagignoskein* designa o ler como momento do “reconhecer”, de “decifrar” as letras e suas seqüências em sílabas, palavras e frases;

- e os verbos que utilizam metáforas particulares, *dierchomai* e *diexeimi*, “percorrer”, acabam por referir-se a um texto “percorrido”, isto é, “atravessado do começo ao fim” com muita atenção e em profundidade.

Como vemos, a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções. É uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. É uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata. Longe de ser uma recepção passiva, a leitura apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. O texto não pode abrir mão da contribuição do leitor: contenta-se em dar indícios; é ao leitor que cabe construir o sentido global da obra. É propondo a seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção. É o famoso “pacto de leitura”. Orientado pelo contrato de leitura, o leitor constrói sua recepção, apoiando-se nos espaços de certeza fornecidos pelo texto. Esses pontos de ancoragem delimitam a leitura e a impedem de se perder em qualquer direção.

A rede de signos com que se constrói um texto pode ser examinada como uma trama de unidades sgnicas que podem presentificar, conduzir ou representar idéias, sentimentos, emoções, ideologias.

Todo signo não é senão mais um significante a cada nova escritura e, a cada escritura, o texto, como “tecido de signos”, como diz Derrida, é tramado de uma certa forma, seguindo um determinado padrão, de modo a construir uma malha fechada, na qual o significante se transforma ilusoriamente em significado. A cada escritura encerra-se a busca e o signo se fecha na justaposição de significado e significante, o signo se constrói.

A leitura é sempre produção de sentido. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor; é constituir e não reconstituir um sentido. É uma revelação pontual de uma polissemia do texto. Não é apenas a recepção de textos, mas a ação sobre eles. O autor codifica (ou constrói) o texto; o leitor o decodifica (ou desconstrói) no processo de análise e o re-codifica (ou re-constrói) no processo de compreensão e interpretação, de acordo com sua individualidade e cultura.

Aceitando esta postura, a fundamentação que mais se adapta ao nosso trabalho é a Estética da Recepção, que faz do leitor um co-autor e de cada leitura um novo texto que permite nova leitura, em função das disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores.

Assim sendo, no processo de criação, re-criação e atualização, as leituras, o modo de ver mudam no correr do tempo. Na época de Michelangelo, Gênesis pode ter inspirado o pintor na sua Criação do Mundo e do Homem; o progresso e a evolução da ciência faz hoje o criador e o leitor verem com outros olhos.

O artista, para pintar seu quadro, leu um texto e o espectador, para ver o quadro, deve ler o quadro como se fosse esse texto. A imagem é o quadro gravado, enquanto que o

texto escrito é um quadro falante. O quadro é um nome e uma moldura, um legível e um visível em estado de interação recíproca.

O legível e o visível cruzam-se e entrecruzam-se nos olhares do ler e do ver, que são os mesmos acrescidos do “mundo do texto” e do “mundo do leitor”. Um olhar diferente leva a uma composição diferente, o que possibilita ao autor interversões e intervenções. E é justamente a mobilidade do ponto de vista que permite a atualização no ato de criação.

Pouco a pouco, signos verbais e não-verbais são lidos e vistos e a noção de texto se alarga. Hoje não consideramos texto apenas aquele composto de signos verbais. Tudo é texto: o som, a cor, o espaço, a luz, o gesto... O verbal e o não-verbal, no jogo de palavras, estruturas, cores, formas, perspectivas realizadas pelo autor, esperam a interferência do leitor para a concretização de seu sentido.

No ato de ler e ver, o gesto é muito importante, seja no momento de virar a página para continuar a leitura como no apontar para indicar ou salientar alguma coisa especial. Por isso, não só “a leitura tornou-se um gesto do olho”, como disse De Certeau, como também o gestual se tornou, além de visível, lisível. A gestualidade cria significação, utilizando-se de signos não-verbais.

Tudo pode ser signo, do gesto mais furtivo à postura menos estudada. Todos os nossos atos são constantemente suscetíveis de se converter em gestos, de simbolizar um modo de ser. O ato se torna gesto quando seu único sentido é mostrar-se, quando se dedica primeiro a se fazer compreender, quando se transforma em linguagem. Saber encontrar, no momento oportuno, o gesto adequado, atribuir valor, é uma arte, pois o gesto é a poesia do ato.

O contraste entre a extrema simplicidade do gesto e sua riqueza simbólica pode aumentar infinitamente, sem que seja necessário imaginar uma complicação desmedida de seu sentido. A beleza do gesto mostra-se; é de sua essência manifestar-se e até, em certa medida, dar-se como espetáculo. Como diz Lukács (apud GALARD, 1997, p. 79), “o gesto é a única coisa que se completa em si mesmo”. Dá-se com um gesto o que se dá com um quadro.

Em nossas relações com os outros, a atenção se focaliza no sujeito, naquilo que ele quer, naquilo que ele é. Os gestos do outro aparecem como os índices de seu ser. É o gesto que conta.

O progresso leva o homem para caminhos diferentes; no entanto, por mais diferentes que sejam esses caminhos, o ponto de chegada é o enigma do ponto de partida: o próprio mistério da Criação.

Assim é o processo de criação. Cada vez que criamos, re-criamos, atualizamos, estamos vivendo a verdadeira Criação, estamos voltando à origem, ao Deus-demiurgo, ao *pronoia*. Energizamos e revitalizamos o Fiat Lux. A luz ainda continua sendo a energizadora de todos os seres vivos, como também foi na representação de Michelangelo no toque do Criador na criatura - um toque de pura energia, um toque de luz. Em 2000, no Selo da Itália, a mesma representação da energia. Na vinheta da novela “O Clone”, a dança da vida tem a mesma energia. Nas esculturas de Rodin, o jogo de luz e o movimento das mãos insinuam a criação.

Revigoramos a palavra e a luz. Revivemos a nossa criação na criação dos outros. Só quando nos fechamos ao processo da criatividade é que não “voamos”, é que nos esquecemos da(s) “borboleta(s)” que vimos e vemos voar em cada situação de nossa vida.

Manter viva a chama da Criação, é resgatar o passado no presente, é prender o presente ao futuro, é ter a saudade como liame de um tempo não-tempo. Assim conseguiremos intertextualizar o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”.

Fundamentando-nos na Estética da Recepção, não podemos nos esquecer da grande contribuição da Semiótica. Com as recentes evoluções, as três dimensões da análise semiótica - narrativa, passional, figurativa associam-se na própria experiência da leitura e a condicionam. Assim, no nosso trabalho, muitas vezes, a Estética da Recepção e a Semiótica caminham lado a lado, enfatizando a complexidade da relação entre o texto e o leitor. Como diz Bertrand:

[...] o leitor, ao ler, atualiza o texto e o seu sentido, de acordo ou não com suas expectativas e previsões advindas de sua competência lingüística e cultural!. Mas o texto também procura e cria seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude e a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crença que a leitura propõe, eis que se encontram, invertidas, a experiência sensível da língua e a experiência cultural do mundo. (BERTRAND, 2003, p.413).

O leitor constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita as significações.

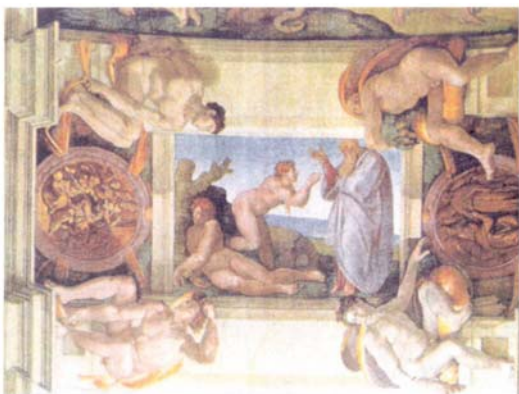
Para desenvolver esta pesquisa, no primeiro Capítulo abordamos a leitura, o leitor e a relação recíproca entre eles. Como lemos o texto verbal e o não-verbal, no segundo Capítulo focalizamos a leitura gestual, enfatizando também sua importância na busca do sentido. A base - ponto de partida - é o texto verbal bíblico Gênesis; então, o terceiro Capítulo é a leitura do verbal, ressaltando “A criação do Mundo” e, para mostrar que hoje a Ciência prova o que já estava na Bíblia, abordamos a Criação e a Ciência. O texto bíblico representado por Michelangelo na Capela Sistina é o tema do quarto Capítulo - Michelangelo e a Criação. No quinto Capítulo, salientamos o criar, o fazer na Arte: uma leitura das mãos (analisando Dürer e as esculturas de Rodin).

O homem transita entre as palavras e imagens. O texto verbal e o não-verbal povoam o mundo da comunicação. Obras de Arte e textos clássicos são usados como ponto de referência e seu resgate se torna imprescindível para a compreensão de textos verbais e não-verbais veiculados até mesmo nas novelas e propagandas. Assim sendo, o sexto Capítulo mostra a Criação e a Atualização: Michelangelo e o processo de re-criação. Essa mobilidade do ponto de vista permite, ao leitor, examinar um texto na multiplicidade de suas perspectivas, o que lhe possibilita estabelecer uma rede de relações.

Vamos buscar respostas na Estética da Recepção e na Semiótica, procurando construir caminhos que norteiem todos aqueles que re-significam o texto através da leitura, tentando interrelacionar o pólo estético e o pólo artístico no seguinte *Corpus*:

- Vinheta da Novela “O Clone” - Rede Globo de Televisão
- Propaganda italiana - “*Arte e sport insieme el italiano a giocare Lotto*”(...)

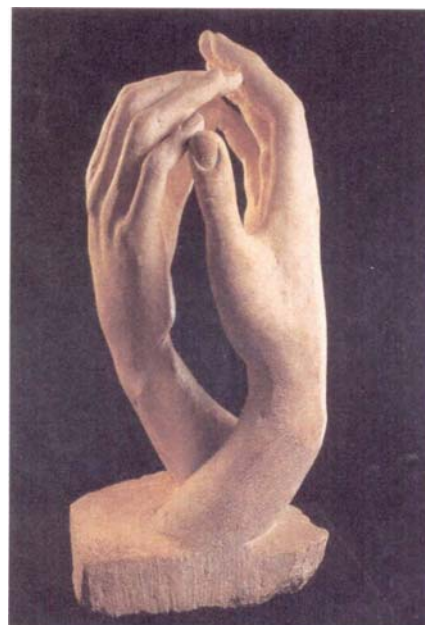
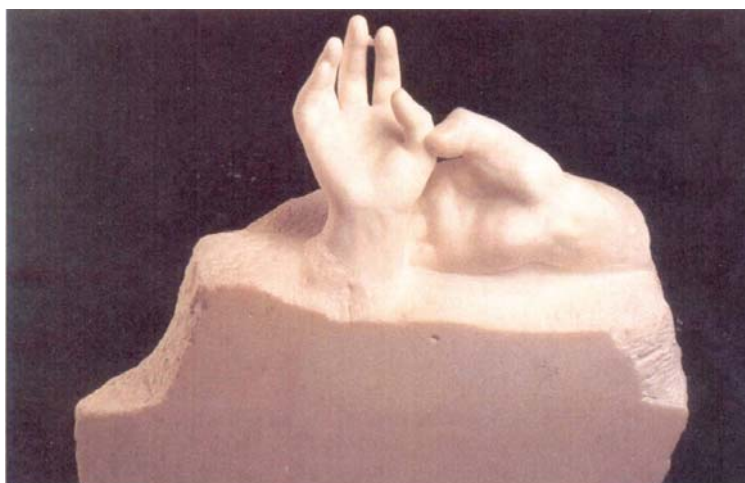
**A**FRESCOS  
DE MICHELANGELO  
(CAPELA SISTINA)





**AUGUSTE RODIN**

(A CATEDRAL, MÃOS DE AMANTES,  
O SEGREDO, A MÃO DE DEUS)



**ALBRECHT DÜRER**  
(AS MÃOS EM PRECE)



**O CRIADOR**  
(SEMÍRAMIS PATERNO)





## PROPAGANDA DA PETROBRÁS



## O SELO DA ITÁLIA - ANO 2000



## OS QUADRÕES (MAURÍCIO DE SOUSA)





## BIBLIOGRAFIA

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Tradução do Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.) **História da Leitura no mundo Ocidental**. Tradução: Fulvia M.L Moretto (italiano); Guacira Marcondes Machado (francês); José Antonio de Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1998 Vol. 1. Coleção Múltiplas Escritas

DERRIDA, Jacques. **Geste, Glossário de Derrida**. Supervisão de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

ISER, Wolfgang. **L'Acte de lecture**. Paris: Mandarga, 1986

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o Leitor - Textos de Estética da Recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979